



Além da finalização, o curso de cabelo inclui penteados



Aula de nail design

Ao discutir qualificação profissional, Debora aponta que essa formação pode ampliar direitos e reduzir vulnerabilidades, sobretudo porque o perfil das mulheres no sistema prisional é marcado por baixa escolaridade, trabalho precarizado e juventude. Para ela, os cursos de beleza se inserem entre os poucos "túneis" possíveis de reinserção. "Os cursos de beleza podem ser mecanismos de reinserção no mundo do trabalho", afirma.

O curso de cabelo afro, ministrado por Jaqueline Oliveira, leva aos presídios uma abordagem que vai além da estética. "O que falta em relação ao cuidado do cabelo crespo e cacheado não é alisamento, é conhecimento. Muitas acham que o próprio cabelo é complicado, mas ele só precisa de água, óleo e cuidado. O conhecimento liberta", afirma. Ela ensina finalização, hidratação e cronograma capilar. "O cabelo cacheado conta história, podendo ser indígena, africana, portuguesa. É identidade. Muitas mulheres lá dentro ainda sentem vergonha ou medo de voltar aos cachos, porque nunca se conheceram de verdade", diz.

A psicóloga Bruna Dandara destaca que, sob a ótica da psicologia, o cuidado com a aparência é uma forma essencial de autocuidado. "Decidir sobre sua aparência, mesmo em pequenos gestos, devolve uma parte da liberdade perdida", afirma. Para ela, esses rituais resgatam a identidade individual e protegem contra depressão e despersonalização. "Cuidar de si em um ambiente tão restritivo é afirmar 'eu continuo sendo alguém'", pontua. Ela reforça que cursos de beleza estimulam autoconfiança, responsabilidade e vínculos significativos. "Promove um grupo em que se aprende, se desenvolve e se fortalece a identidade coletiva", completa.

Perspectiva de futuro

A diretora da Unidade de Polícia Penal Regional Feminina de Luziânia, Luana Rayka, observa que muitas internas chegam ao sistema prisional após longos períodos de vulnerabilidade e rupturas sociais profundas. "Elas voltam a se ver como mulheres", relata. Para Luana, os cursos se tornam ferramentas de pacificação, fortalecendo o senso de comunidade e reduzindo conflitos. Com a chegada da A.M.E., ela notou mudanças importantes, responsabilidade, disciplina e perspectiva de futuro cresceram entre as internas. Um episódio a marcou profundamente: uma aluna chorou ao lembrar da mãe manicure e afirmou que, ao aprender a profissão, sentia que finalmente a estava honrando.

A A.M.E. atua nos presídios feminino de Luziânia, Formosa, Barro Alto e na Penitenciária Feminina do Distrito Federal (PFDF), levando cursos de qualificação, ações de acolhimento e suporte emocional. Para a realização das atividades, a equipe monta toda a estrutura: mesas, totens, cadeiras, extensões, lixeiras e materiais individuais para cada aluna. Para isso, organizam-se com antecedência, separando kits, planejando a logística e deixando tudo pronto para cada visita.

As egressas que concluem cursos dentro do presídio recebem um kit completo para começarem a trabalhar imediatamente ao deixarem a unidade. Além disso, a A.M.E. e as voluntárias mantêm contato após a soltura, oferecendo escuta, encaminhamentos e incentivo à continuidade da profissão. A cerimônia de entrega dos certificados, sempre carregada de emoção, marca simbolicamente um renascimento. "Elas se sentem lindas, empoderadas. Elas se produzem, se cuidam e se olham no espelho como há muito tempo não faziam. E, ali, redescobrem a própria autoestima", completa Mariana Fonseca, presidente da A.M.E. Educação.

As professoras, cada uma em sua área, compartilham dessa mesma transformação. Joyce, Karine e Karol relatam que o curso de nail designer é marcado pelo brilho nos olhos das internas ao descobrirem novas habilidades. Laísa, responsável pela automaquiagem, afirma que o ato de se olhar no espelho, tantas vezes negado no ambiente prisional, devolve humanidade. Jaqueline destaca que, ao ensinar cabelo

afro, vê mulheres reencontrando sua história e identidade. E Priscila reforça, a cada aula, que ali se abre uma porta real: "Vocês podem. Vocês vão conseguir".

Luana Rayka reforça que a chegada da ONG trouxe mudanças no comportamento das internas: "Elas ficam mais tranquilas, mais responsáveis, mais esperançosas. A prisão fica mais pacífica". O impacto, segundo ela, ultrapassa a estética. "Quando elas se reconhecem como mulheres novamente, tudo muda."

A história de Sara tornou-se um símbolo desse processo. "Eu me sinto a mulher mais bonita do mundo. E eu sei que, por conta disso, consigo fazer outras mulheres se sentirem assim." Em cada curso ministrado, em cada unha feita, em cada fio de cabelo cuidado, as voluntárias deixam sementes de reconstrução. Um gesto simples, como ensinar a lixar uma unha ou a finalizar um cacho, abre caminhos para novos começos. Dentro das grades, as mulheres redescobrem seu valor. Do lado de fora, encontram a chance de reescrever a própria história.